

## TODAS AS CODAS SÃO FRÁGEIS EM PORTUGUÊS EUROPEU?

*Maria Celeste Rodrigues (CLUL)<sup>1</sup>*

### RESUMO

O presente artigo resume a descrição autosegmental da Coda em Português e apresenta dados de variação linguística das consoantes em Coda no Português Europeu (PE) que permitem problematizar a ideia de que todas as codas são igualmente frágeis. As codas em PE padrão são apenas as seguintes: /l/, /r/ e /s/, uma vez que neste dialecto não existem realizações que justifiquem a consideração de uma coda nasal. Faremos uma descrição de dados já analisados e de outros entretanto recolhidos. Por fim, dizemos qual parece ser o impacto da variação linguística encontrada na mudança linguística.

**PALAVRAS-CHAVE:** sílaba, coda, queda de segmentos, ressilabificação, nuclearização

### 1. A SÍLABA EM PE

Este artigo, destinado a resumir o conhecimento actual acerca das Codas em Português Europeu (PE) e à discussão da ideia segundo a qual a Coda é um constituinte silábico muito frágil em PE, como em muitas línguas do mundo, está organizado em 6 secções. Nesta primeira secção, fazemos algumas referências teóricas relativas ao constituinte silábico, revendo algumas das suas principais características em PE (1.), de acordo com o modelo autosegmental<sup>2</sup>. Em (2.), referimos em detalhe as características consensuais das Codas em PE. Nas secções 3-5, referimos a variação exibida por /r/, /l/ e a /s/, mencionando os resultados de alguns estudos pré-existentes. Finalmente em (6.), procuramos avaliar qual é a influência que a variação encontrada pode ter na mudança linguística das Codas em PE.

1. Doutora em Linguística Portuguesa e Professora do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL).

2. O modelo autosegmental é aqui utilizado, em vez de perspectivas teóricas mais recentes, como a Teoria da Optimidade, porque a análise autosegmental permite dar conta dos nossos dados e se entronca mais facilmente nas descrições até agora existentes do PE. Mais do que discutir a perspectiva teórica, interessa-nos aqui descrever adequadamente os dados existentes. Cremos que o modelo autosegmental pode ser entendido como representacional, mais do que derivacional, na descrição de dados sincrónicos. Os dados poderiam também ser descritos de outro modo, se fosse mais vantajoso e consensualmente aceite, o que no momento presente ainda não acontece, por exemplo em função de promoções e despromoções de restrições numa hierarquia, como acontece na teoria da optimidade. Relembramos que a adopção do modelo da teoria da OT não é consensual (veja-se, por exemplo, Goldsmith, John e Laks, Bernard: *Generative phonology: its origins, its principles, and its successors*, disponível em: <http://hum.uchicago.edu/~jagoldsm/Papers/GenerativePhonology.pdf>).

Consideramos que a sílaba é o constituinte fonológico que serve de domínio para a aplicação de fenómenos prosódicos, como o acento lexical, que serve para a atribuição das proeminências entoacionais nas línguas acentuais, como o português. Trata-se de um constituinte internamente hierarquizado, em obediência a princípios universais. Nessa medida, a sílaba mais representada no léxico do português possui a estrutura universalmente não marcada, que consiste numa estrutura binária com os constituintes Ataque e Rima não ramificados, (CV) (cf. Vigário & Falé (1993), Freitas (1997), Mateus & Andrade (2000), Freitas & Santos (2001), González (2008)).

Porém, nem todas as sílabas são analisáveis somente com base nesta estrutura não marcada. Em português, como acontece em muitas línguas, os constituintes da sílaba são binariamente ramificáveis. Por essa razão, é possível estruturar sequências de duas consoantes em Ataque de sílaba (i. e. grupos consonânticos) e sequências de segmentos não consonânticos numa mesma Rima (que correspondem a ditongos decrescentes, foneticamente).

A estruturação dos segmentos nos constituintes silábicos depende da especificação fonológica que eles possuem, sendo a sílaba, portanto, um constituinte fonológico. Isso é visível no facto de só segmentos subespecificados quanto a certas propriedades poderem ocupar o constituinte da sílaba Coda e no de só segmentos com determinada especificação poderem ocupar a segunda posição de um Núcleo ramificado. Por exemplo, só consoantes subespecificadas quanto a vozeamento e quanto ao articulador envolvido na sua produção podem ocupar a posição de Coda de sílaba e, por outro lado, só segmentos [-consonânticos] fechados (ou seja, altos) podem figurar, depois de segmentos [-consonânticos], num mesmo Núcleo. Vejam-se os casos das palavras *Magda* e *pacto*, cujas oclusivas velares, apesar de figurarem aparentemente em posição de Coda da 1ª sílaba, na verdade, são silabificadas em Ataque de uma sílaba de Núcleo Vazio, uma vez que permitem a ocorrência de uma vogal epentética, preenchendo o Núcleo: *Ma.g.da*, *pa.c.to*. Vejam-se, ainda, dois outros casos: o de *pauta couve*, *reinado*, *sei* com as vogais /u/ ou /i/ obrigatoriamente realizadas como semivogais, formando um ditongo decrescente com a vogal precedente, e, contrariamente, o de *ambiente*, *coesa*, *coesão*, *diária* com vogal não alta, realizados com vogal em segundo lugar (já que a semivocalização, se ocorrer, será na primeira vogal, quer ela seja fonologicamente alta, quer seja transformada em alta).

As condições que regem a silabificação de duas consoantes num mesmo Ataque silábico em português foram identificadas em Mateus e Andrade (2000). Resumidamente, a sequência dos segmentos devem obedecer à escala de sonoridade (o primeiro deve pertencer a uma categoria de sonoridade inferior à do segundo, sendo o segundo sempre um segmento Líquido Coronal [+anterior] em português - /l/ ou /r/, *planta*, *prata*) e ser suficientemente diferentes em termos articulatorios (os segmentos devem ter modo e ponto de articulação distintos, de preferência)<sup>3</sup>.

O Núcleo da sílaba em PE costuma ser preenchido por uma única vogal, embora também possa ser vazio (*escada*, *estudo*, *psicologia*, *pneu*, *Magda*, *pacto*, *zénit*, *snob*, *pop*, *snack*, *marketing*) e ramificado. A silabificação de dois segmentos [-consonânticos] no Núcleo (sub-constituinte da Rima) em português está dependente do valor do traço [alto] do segundo segmento.<sup>4</sup> Só se o segundo segmento for [+alto], a silabificação com outra vogal é possível no mesmo Núcleo, dando origem a ditongos decrescentes foneticamente. Essas estruturas, independentemente da sua origem, nunca são realizadas com duas vogais em sequência pelos falantes nativos espontaneamente e podem ser realizadas só com o primeiro dos dois segmentos da sequência

3. Logo, *psicologia* terá as duas consoantes iniciais silabificadas em Ataques diferentes, uma vez que a sequência pode ser desfeita pela inserção de vogal epentética.

4. As vogais têm sido descritas com os traços [alto], [baixo] em PE e não com os diferentes graus de [aberto] (cf. Mateus & Andrade (2000), 2.3 – p. 23-31).

(*leite* PE: (\*l[éi]te) l[éj]te ~ Alentejo: l[éti]~ Dialectos setentrionais: l[ej]te~l[ej]te;

*pouco* PE (\*p[óu]co) p[ó]co ~ Alentejo: p[ó]co~ Dialectos setentrionais:

p[ów]co~p[éw]co).

Fonologicamente, sequências em que o segundo elemento [-consonântico] não seja alto podem ser silabificadas com os segmentos em Núcleos silábicos autónomos, embora exista muita variação. Pode haver hiato ou inserção de semivogal após vogal acentuada e hiato ou semivocalização da primeira vogal da sequência, se ambas forem átonas. Neste último caso teremos, na representação fonética, um ditongo crescente, mas vogais em hiato, fonologicamente.

Uma vez que os constituintes podem ser, no máximo, binários, a Rima é ramificável, como já foi aludido acima. Todavia, a ramificação da Rima é um fenómeno fonológico de aplicação restringida. Em português, é restringido pela especificação fonológica dos segmentos e, em muitos casos, pelo contexto segmental e pela hierarquia prosódica superior que domina a ocorrência das unidades lexicais nos enunciados. Só uma, de entre um número muito reduzido de consoantes, pode figurar em Coda e a consoante só será silabificada aí, se não houver possibilidade de o ser em Ataque de sílaba. A raiz correspondente poderá, em certos contextos e registos, não ser produzida, o que mostra que a Coda é um constituinte frágil em PE (como na maior parte das línguas). Em PE, a Coda nunca possui mais do que uma posição na fiada do esqueleto, embora possa corresponder a uma raiz simples (*mas, mar, mal*) ou a duas raízes segmentais associadas a uma posição esquelética (estrangeirismos: *Xerox, botox, fénix*).

Tendo por base generalizações decorrentes da observação de várias línguas, é possível assumir uma análise da sílaba baseada em princípios universais de silabificação e com especificação segmental e parâmetros definidos para cada língua particular, actualizados, por vezes, de modo opcional pelos falantes.

Em geral, observa-se que os segmentos consonânticos que, por razões estruturais (especificação dos traços do segmento ou contexto fonológico no domínio lexical), não podem ocupar a posição de ataque silábico (autonomamente ou mediante criação de um grupo consonântico que obedeça às duas condições básicas de silabificação num Ataque ramificado) acabam por poder ser silabificados na Coda de uma Rima, contribuindo com uma posição para a fiada do esqueleto num dado ponto da estrutura. Em PE, esses segmentos podem ser /l/, /r/ ou /S/<sup>5</sup>, uma vez que o português padrão parece já não ter coda nasal (cf. Mateus e Andrade 2000), contrariamente a outras variedades da língua<sup>6</sup>. Isto é, segmentos que não possuem especificação quanto a vozeamento nem quanto ao articulador envolvido (os dois primeiros, por serem [+sonantes], logo, invariáveis quanto a vozeamento e, o segundo, por também não ter vozeamento contrastante – já que é somente uma raiz contínua não sonante, sem articulador especificado).

5. Não se recorre aqui à noção do arquifonema /S/, ainda que adoptemos o mesmo símbolo. De facto, queremos representar é a consoante subespecificada quanto a vozeamento e ao ponto de articulação, como Rodrigues (2003).

6. No PE setentrional e em galego há sub-regiões dialectais, onde é adequado postular a existência de coda nasal, mas em PE Padrão há diversos argumentos a favor da sua inexistência (cf. Freitas (1997).

A não especificação do articulador envolvido nestes segmentos prende-se em PE com o facto de eles não serem nunca Labiais nem Dorsais (ou seja, de, por defeito, deverem ser segmentos Coronais). Na verdade, todos estes segmentos, quando têm realização fonética, são analisáveis com base no articulador Coronal, apesar de em PE os segmentos laterais poderem receber uma articulação secundária Dorsal e de os fricativos poderem ser não anteriores, um valor diferente do valor universalmente esperado. Todos os factos acerca da não especificação dos traços destes segmentos, referidos atrás, estão de acordo com o estatuto dos segmentos e do constituinte Coda na generalidade das línguas.

## 2. A CODA EM PE

O comportamento dos segmentos que podem constituir uma Coda em PE é muito regular no plano lexical e pós-lexical. O segmento só será silabificado em Coda, se não tiver possibilidade de preencher uma posição de Ataque silábico vazia ou de, por assimilação, ser realizado com a consoante seguinte no seu ataque. Vejam-se os exemplos nos três quadros seguintes.

No Quadro 1, temos realizações das consoantes /l/, /r/ e /s/ em Coda, antes de uma consoante, com a qual não podem constituir grupo consonântico em Ataque, por serem mais sonoras do que elas.

| Codas     | Exemplo                     | PE              |
|-----------|-----------------------------|-----------------|
| /r/ - [r] | <i>escor<b>u</b>buto</i>    | escu[r]buto     |
|           | <i>por<b>u</b> vezes</i>    | po[r] vezes     |
| /l/ - [ɫ] | <i>ma<b>l</b>dade</i>       | ma[ɫ]dade       |
|           | <i>ma<b>l</b> visto</i>     | ma[ɫ] visto     |
| /s/ - [ʃ] | <i>pa<b>s</b>to</i>         | pa[ʃ]to         |
|           | <i>ma<b>s</b> tu</i>        | ma[ʃ] tu        |
| /s/ - [ʒ] | <i>ve<b>s</b>ga</i>         | ve[ʒ]ga         |
|           | <i>no<b>sso</b>s gostos</i> | nosso[ʒ] gostos |

Quadro 1: Codas em PE padrão

Para além da elisão, que é exclusiva da posição final de palavra, o segmento /r/ admite só uma variante em Coda em PE: [r]. A elisão dá-se no fim da palavra, embora seja mais frequente nuns contextos do que noutros, como descreveremos adiante.

O segmento /l/ em PE é sempre consonântico e possui dupla articulação (a articulação primária é Coronal anterior e a secundária é velar).

É sabido que, regularmente, o segmento sibilante /s/ em PE é realizado, no interior da palavra, como

pós-alveolar e com valor de vozeamento igual ao da consoante seguinte e, no fim de palavra, /S/ recebe a mesma especificação do interior de palavra, se o segmento seguinte for uma consoante. Se, no entanto, o segmento seguinte for uma vogal, /S/ pode receber a especificação Coronal anterior vozeada, dependendo da inexistência de ruptura na cadeia fónica entre as duas palavras.

No quadro seguinte (Quadro 2), mostramos como as consoantes que poderiam ser Codas, lexical ou pós-lexicalmente, podem ser ressilabificadas em Ataque de sílaba, exibindo alguma força, por manterem os traços distintivos da sua especificação fonológica na realização fonética, mas também alguma fragilidade da Coda, por, efectivamente, não serem pronunciadas nesse constituinte.

|                  |                      |                      |
|------------------|----------------------|----------------------|
| Exemplo          |                      |                      |
| <i>dar_aso</i>   | com ressilabificação | <i>da.[r]a.so</i>    |
| <i>mar</i>       | na forma derivada    | <i>ma.[r]e.sia</i>   |
| <i>ma _amado</i> | com ressilabificação | <i>ma.[l]a.ma.do</i> |
| <i>mal</i>       | na forma derivada    | <i>ma.[l]é.fí.co</i> |
| <i>as_ armas</i> | com ressilabificação | <i>a.[z]ar.mas</i>   |

Quadro 2: (Res)silabificação em Ataque de /r/, /l/, /S/ em PE padrão

Podemos ver aqui que a lateral, silabificada em Ataque, recebe a especificação de ponto de articulação Coronal anterior [l], ou seja, não é velarizada.

Vemos também que a sibilante recebe igual especificação ([z] Coronal anterior), sem receber o valor menos anterior, que obteria como Coda.

A vibrante mantém a sua forma com a silabificação em Ataque, [r].

No quadro que se segue (Quadro 3), mostra-se como estas consoantes podem sofrer assimilação e fusão.<sup>7</sup> A raiz subespecificada, que deveria ser silabificada em Coda de sílaba, como se vê na coluna c., se se encontrar com uma consoante idêntica, é assimilada (ou seja, fundida - cf. coluna b.), embora as consoantes ainda possam, em registos mais pausados, ser pronunciadas como em c., por vezes.

7. A respeito desta questão cf. Andrade & Rodrigues (2004) e (2005).

| a. Exemplos            | b. Fusão            | c. C+C          |
|------------------------|---------------------|-----------------|
| <i>perfil lunático</i> | perfi[l]unático     | perfi[ɫ]unático |
| <i>ter raiva</i>       | te[r]aiva           | te[rR]aiva      |
| <i>mar revolto</i>     | ma[r]evolto         | ma[rR]evolto    |
| <i>por junto</i>       | ??[puʒ]unto         | po[rʒ]unto      |
| <i>deschapear</i>      | de[ʃ]apear          | de[ʃʃ]apear     |
| <i>mais chaves</i>     | mai[ʃ]aves          | mai[ʃʃ]aves     |
| <i>mais simples</i>    | mai[ʃ]imples        | mai[ʃs]imples   |
| <i>disjuntos</i>       | di[ʒ]untos          | di[ʒʒ]untos     |
| <i>mais juntos</i>     | mai[ʒ]untos         | mai[ʒʒ]untos    |
| <i>mais luz</i>        | mai[l]uz            | mai[ʒl]uz       |
| <i>mais rápido</i>     | mai[r]ápido         | mai[ʒR]ápido    |
| <i>desjejuar</i>       | de[ʒ]ejuar/de[ʒ]uar | de[ʒʒ]ejuar     |
| <i>mais zumbidos</i>   | mai[ʒ]umbidos       | mai[ʒz]umbidos  |

Quadro 3: Possível fusão de Codas com segmentos em Ataque em PE

A língua, ao prescindir das formas em c., onde as consoantes são semelhantes, obedece ao Princípio de Contorno Obrigatório, visto que simplifica a estrutura por deixar de haver segmentos idênticos contíguos. Nos casos em que se trata de /S/ seguido de sonante ([ʒl], [ʒR] em c.) ou de outra sibilante (mai[ʒ]untos), quando a forma é preterida, há ainda maior simplificação, por haver perda total da consoante da Coda.

Acontece, para além disso, que o /S/, se se encontrar com uma vogal seguinte, em registos espontâneos de falantes jovens de todos os dialectos de PE, está, hoje em dia, a emergir como [ʒ] (cf. b.), em vez de se realizar com a pronúncia [z], como se ilustra abaixo. Neste momento, as duas pronúncias em sândi pré-vocálico são concorrentes. A forma mais recente [ʒ], muito comum entre os mais jovens, implica especificação do /S/ com as características de uma Coda (ou seja, como não anterior) e a sua ressilabificação em Ataque.

| a. Exemplos         | b. PE popular | c. PE standard |
|---------------------|---------------|----------------|
| <i>mais unidos</i>  | mai[ɹ]unidos  | mai[z]unidos   |
| <i>somos amigos</i> | somo[ɹ]amigos | somo[z]amigos  |
| <i>umas imagens</i> | uma[ɹ]imagens | uma[z]imagens  |

Quadro 4: Ressilabificação de /s/ não anterior como Ataque em sândi (jovens)

Todas as formas até aqui apresentadas correspondem a pronúncias possíveis em PE da região de Lisboa, a menos que tenham sido classificadas como de outros dialectos. No que se refere à sibilante, a complexidade aumentaria se, porventura, também estivéssemos a considerar as formas dos dialectos beirões.

Consideremos agora cada uma das consoantes e a variação a que está sujeita em algumas variedades de PE.

### 3. /r/ EM CODA (INTERNA E DE FINAL DE PALAVRA)

Em registos formais e informais rápidos o /r/ de Coda interno é preservado, embora, em alguns casos, possa ser realizado no Ataque precedente, em vez de ser realizado em Coda (*pergunta* > [pɾiɣũtə], *percepção* > [pɾisɛsẽw]), facto que resulta da maior naturalidade da existência do grupo consonântico em Ataque do que da presença da sílaba com Coda<sup>8</sup>. No fim de palavra, pode ser realizado como [r], pode ser elidido ou ser rersilabificado em Ataque, devido à inserção de [ɿ]. A pronúncia mais frequente é sempre [r]. A elisão ocorre, em certos contextos, com muita frequência e, noutros, raramente. A rersilabificação com a vogal paragógica ocorre menos vezes. Isso mesmo já foi descrito em Rodrigues (2003), Mateus & Rodrigues (2003) e Mateus e Rodrigues (2004)<sup>9</sup>.

No primeiro destes trabalhos, dá-se conta dos resultados de /r/ em discurso informal, do CPE-Var<sup>10</sup>. A autora considera que o discurso informal foi o tipo de discurso mais próximo da fala casual (na terminologia laboviana) que ela pode obter na entrevista. Os dados não foram originalmente discriminados por categoria sintáctica. Só vieram a sê-lo no âmbito de Mateus & Rodrigues (2003). Em todo o caso, Rodrigues (2003) conclui que a elisão é, em todos os falantes das duas variedades linguísticas (Lisboa e Braga), mais condicionada por factores contextuais do que por factores socioculturais e regionais. Reproduzimos aqui os quadros 76 e 82 desse trabalho com a percentagem das três variantes de /r/ (p. 245 e 250).

8. Como se vê nos exemplos acima, a vogal [ɿ] não cai obrigatoriamente, embora possa ser reduzida, por exemplo, na sua duração. Em PE existem diversas alternâncias entre vogais e formas com elisão de vogal. Em Rodrigues (2003) esse assunto está amplamente descrito, não podemos deter-nos qui nessa questão.

9. Mateus & Rodrigues (2004) consiste numa versão revista e reformulada do artigo presente em Mateus & Rodrigues (2003), pelo que não faremos aqui o seu resumo.

10. O CPE-Var é um corpus de fala espontânea com entrevistas sociolinguísticas, realizadas no âmbito projecto de doutoramento da autora do presente artigo. Inclui entrevistas com falantes de Lisboa e de Braga, recolhidas em 1996 e 1997. Trata-se de um corpus estratificado, que possibilita estudar as diferenças linguísticas existentes entre os tipos de falante (mais informações em Rodrigues (2003).

| Quadro 76 - LISBOA - /r#/ em DI |      |      |     |     |      |
|---------------------------------|------|------|-----|-----|------|
| [r]                             |      | [r̃] |     | ∅   |      |
| Nº                              | %    | Nº   | %   | Nº  | %    |
| 1118                            | 63.7 | 86   | 4.9 | 549 | 31.3 |

| Quadro 82- BRAGA - /r#/ em DI |      |      |     |     |      |
|-------------------------------|------|------|-----|-----|------|
| [r] <sup>10</sup>             |      | [r̃] |     | ∅   |      |
| Nº                            | %    | Nº   | %   | Nº  | %    |
| 1189                          | 60.2 | 126  | 6.3 | 660 | 33.4 |

Os dados mostram que a presença de uma consoante à direita favorece a elisão, embora a proporção de casos com cada uma das classes de consoantes varie de cidade para cidade. Em Lisboa, há 76,9% de elisão antes de vibrante, 57,4% antes de obstruinte vozeada, 53,8% antes de obstruinte não vozeada, 53% antes de nasal e 44% antes de lateral, mas em Braga há 64,9% antes de obstruinte vozeada, 59,2% antes de lateral, 54,3% antes de obstruinte não vozeada, 53,8% antes de vibrante e 44,8% antes de nasal. A percentagem de elisão é, em ambas as cidades, muito inferior se a vibrante for seguida por pausa ou vogal (oscila entre 10 e 15%, Rodrigues (2003), p. 247 e 252).

Se, pelo contrário, o /r/ se encontrar antes de pausa, tende a ser mantido como [r] em Coda (Rodrigues (2003) - 75% em Lisboa (p. 247), 55,2% em Braga (p. 252)) ou realizado em Ataque com apoio de uma vogal paragógica (*Gosto do mar*: Gosto do ma[r̃]) Rodrigues (2003) - 11,1%, em Lisboa (p. 247) e 30,2% em Braga (p. 252)). Nos restantes casos, é elidido (Rodrigues (2003) 13,8%, em Lisboa (p. 247) e 14,4% em Braga (p. 252)).

Mateus & Rodrigues (2003), tendo discriminado a percentagem de elisão no CPE-Var, observou que ela varia consoante a classe morfossintáctica. As formas verbais apresentam 33,5% de elisão de /r/ em Lisboa, contra 36,3%, em Braga. Esta percentagem é superior à da elisão nos nomes: 25,8% em Lisboa e 28,1% em Braga.

Mateus & Rodrigues (2003) comparam os dados do CPE-Var com dados extraídos do corpus REDIP<sup>12</sup>, porém, apresenta tantas gralhas que chega a confundir o leitor. A sua principal conclusão é a de que o /r/ em PE é elidido com mais frequência na rádio do que na televisão (15% na rádio vs. 9% na televisão em formas verbais), havendo equilíbrio na elisão nos nomes e nos verbos no corpus relativo à rádio (15%), do corpus REDIP. Uma segunda conclusão, ainda relativa ao REDIP, é a de que a frequência da elisão está relacionada com o segmento seguinte: /r/ cai mais antes de obstruintes do que de soantes e a elisão é rara antes de vogais ou pausa. Entre as consoantes, são as laterais as que menos favorecem a elisão, nos dados deste corpus. O estudo dos dois corpora permitiu concluir que os factores estruturais ou contextuais influenciam mais os resultados do que os factores socioculturais e que há um crescendo de formalidade nos três tipos de dados confrontados: discurso informal do CPE-Var < rádio REDIP < televisão REDIP, passível de ser percebido por vários fenómenos, nomeadamente os que se referem à variação de /r/.

11. Foram consideradas duas ocorrências com a consoante desvozeada, antes de pausa.

12. O REDIP é um projecto do ILTEC em cooperação com o CLUL e a Universidade Aberta que inclui dados de fala de programas de rádio e de televisão.



Por tudo isto, para /r/ em Coda final de palavra, as opções são: ou o segmento obtém a especificação de defeito Coronal anterior e se realiza, ou essa raiz especificada é desassociada da fiada do esqueleto e, por isso, não tem realização fonética ou, então, existe paragoge de um [ɨ].

González (2008) estudou as Codas internas em PE e Galego em termos fonéticos e fonológicos. Os seus dados de Lisboa consistem na leitura de palavras em frase de encaixe *Diga Xpor favor*, efectuada por falantes universitários naturais de Lisboa do sexo masculino, com idades compreendidas entre 25 e 29 anos. Conclui a partir da observação de /r/ em Coda interna, produzido por falantes de Lisboa, que a produção de [r] é estável, não variando muito em função do ponto de articulação da consoante seguinte (cf. p. 47). A duração média do segmento nos seus dados é de 45ms. O trabalho leva em linha de conta para os diferentes segmentos: a qualidade da vogal precedente, a transição, a consoante em Coda e a qualidade da consoante seguinte.

#### 4. O /l/ EM CODA

Em PE, a lateral é, normalmente, especificada por defeito como Coronal anterior e, uma vez silabificada em Coda, desenvolve uma articulação secundária velar, complementarmente (como foi descrito em Mateus e Andrade (2000)). Isso faz com que se transforme num segmento consonântico complexo com uma articulação vocálica [+ recuada]. Esta fase da evolução do PE, que abrange todo o país, é anterior à fase em que se encontra o PB, no qual a articulação secundária da consoante se transformou já na única articulação do segmento, daí a existência das formas *mal* [máw], *maldita* ma[w]dita em PB.

O PE, não exhibe variação para o segmento lateral em Coda auditivamente perceptível. Apesar disso, têm sido apresentados estudos acústicos, acerca das realizações em Ataque e em Coda, que nos permitem ver que a velarização é gradual. Ela é mais evidente na Coda do que no Ataque, embora nele também exista<sup>13</sup>.

Não há muitas evidências claras que comprovem a possibilidade de o PE mudar alguma vez para a forma nuclearizada de /l/ ([w]). Porém, Freitas (1997), trabalhando com aquisição do PE, encontrou diferenças na aquisição de /l/ e /R/ em Coda, que a motivaram a concluir que a lateral se encontra já em fase de nuclearização. Embora ambos os segmentos sejam adquiridos mais tarde do que as codas fricativas, /l/ na sua forma velarizada é adquirido antes da estabilização da vibrante. Ambos os segmentos líquidos são adquiridos somente quando há activação do parâmetro do Núcleo ramificado (Etapa III) e não, como seria de esperar (p. 365), quando há activação do parâmetro da Rima ramificada.

González (2008) também dá conta dessa tendência, uma vez que observou que nas sílabas com /l/ em Coda, a duração do segmento [ɫ] antes de segmentos Labiais e Coronais é idêntica (48-49ms), mas, antes de Dorsais, é superior (58ms). Isso indica que as consoantes dorsais velarizam mais o /l/ em Coda do que as restantes consoantes. Quanto maior for a velarização do /l/, maior é a influência do segmento na vogal homossilábica (com descidas de F2 e de intensidade) e menor é a coarticulação com o segmento seguinte (p.160). O trabalho conclui que a lateral em PE está em processo de nuclearização, assim como N<sup>14</sup>, ou seja estão ambos a reduzir o seu grau consonântico (p. 163). Isto não parece estar a acontecer às restantes consoantes em coda.

13. Andrade, A. (1998) e Andrade, A. (1999).

14. Gonzalez assume a existência em galego de uma nasal em coda que, em PE padrão, já terá sido nuclearizada.

## 5. A SIBILANTE EM CODA

A sibilante /S/ em posição medial tende a manter-se com a realização alvéolo-palatal (Coronal [-anterior]), assimilando o vozeamento da consoante seguinte. Em posição final tende a acontecer o mesmo, se o segmento seguinte for consonântico. A sua especificação como [-anterior] decorre da sua silabificação em Coda, já que em Ataque, tende a ser realizada como [+anterior] – *as almas* a[z]almas. A assimilação de vozeamento, naturalmente, só pode dar-se se ambos os segmentos se encontrarem no mesmo constituinte prosódico, mas não é obrigatória. Rodrigues (2003) nos dados de Lisboa encontrou 21.2% de formas com [ʃ], onde esperaríamos encontrar [z] (p. 236), e nos de Braga encontrou 22.3%. As formas populares com [ʒ] antes de vogal (*somos amigos* somo[ʒ]amigos) implicam a especificação como Coda com os traços [+vozeado] e [-anterior] e, posteriormente, a sua ressilabificação em Ataque. A frequência de ocorrência desta variante é relativamente baixa no CPE-Var (entre 0-4%, em dados de 1996-97), mas deve-se principalmente a falantes jovens de Lisboa (Rodrigues (2003), p. 238). Em Braga, é inferior a 2%, em todos os tipos de falante do CPE-Var (Rodrigues (2003), p.242). O fenómeno parece estar em expansão, presume-se que a partir do sul do país, apesar de ainda não ter sido alvo de trabalho baseado em amostras estratificadas de fala mais recentes.

/S/ não obteve realização em 2.6% dos casos de Lisboa (Rodrigues (2003) p. 234) e em 2.5% dos de Braga (p.240). Trata-se sobretudo de casos de encontro entre sibilantes, nos quais há fusão dos dois segmentos e a realização adoptada é a da consoante do Ataque seguinte ([ʃs]>[s]) ou onde se produz um único [ʃ] para corresponder a dois segmentos /S/ (*vamos esperar/estar*).

González (2008), nos seus dados de Lisboa referentes a /S/ interno, observou que a Coda teve sempre realização (como vozeada ou não vozeada, dependendo do segmento seguinte), correspondendo o segmento a cerca de 50% da Rima. Não foram registadas grandes diferenças, em função do ponto de articulação da consoante seguinte ou da vogal da Rima (p. 51-53). No caso de a Coda ser vozeada, registou apenas um acréscimo na duração da vogal homossilábica.

## 6. CONCLUSÃO

A sílaba em PE, apesar de admitir /S/, /l/ ou /r/ em Coda, pode evitar a sua produção. Registámos:

- metátese de /r/ em Coda no interior da palavra (*pergunta* [prɛ̃]gunta) – com Maximização do Ataque, se se puder gerar um grupo sem violação das convenções de silabificação no Ataque (cf. *alertar*, que não permite \*a[lrɛ̃]tar);
- elisão de /r/ de Coda final (*mar revolto*: ma[R]evolto, *ter raiva* te[R]aiva, com fusão muito frequente, mesmo na presença de outras consoantes, como acontece nos seguintes casos: *por junto* p[uʒ]unto, *ter lido* te[l]ido, *andar vestido* and [áv]estido, *ter sede* t[és]ede, com elisão do [r]) – em obediência ao Princípio de Contorno Obrigatório;
- paragoge de [ɛ̃], permitindo a ressilabificação do [r] em Ataque (ou seja, modificando a estrutura, mas mantendo a estrutura silábica canónica);
- tendência para a nuclearização de [ʔ], verificada em diversos estudos acústicos (que tende a seguir a nuclearização da nasal já ocorrida em PE);
- elisão de /l/ em Coda final (*perfil lunático* perf[ɪ]unático), em obediência ao Princípio de Contorno Obrigatório e à estruturação silábica canónica;
- a fusão de /S/ com outras sibilantes (*mai[ʃ]imples*, *mai[ʒ]unto*) realizada em Ataque;

- elisão antes das sonantes (*mais luz* mai[l]uz, *mais rápido* mai[R]ápido, *mais nada* ma[jn]ada), realizando apenas sílabas canônicas;
- a ressilabificação das sibilantes de Coda não anteriores em Ataque (o[ʒ]amigos).

Tendo observado todos estes fenómenos, existe alguma fragilidade da Coda em PE, especialmente em posição final, mas essa fragilidade não é idêntica para todas as consoantes. Se /l/ apresenta uma tendência para a nuclearização (acompanhando, embora mais atrasada, a nuclearização da nasal na variedade padrão), /r/ e /S/ apresentam mais estabilidade em coda (interna e final). A frequência de queda dos segmentos em Coda final é desigual. A vibrante final é a consoante cuja queda é mais frequente (ronda os 30%, em fala espontânea em PE). A queda de /S/ final é baixa e é motivada contextualmente. Finalmente, a queda da lateral final só ocorre por fusão com uma lateral em Ataque, logo, é residual.

O PE evidencia uma clara preferência pela silabificação em Ataque, em vez de em Coda, o que é esperável tendo em conta a opcionalidade do constituinte. Esta estratégia de silabificação permite a preservação da estrutura segmental. Testemunho disso são as formas com [ɣ] depois de /r/ em Coda, mas também as que mantêm a consoante e, em particular, as formas com [ʒ] antes de vogal, frequentes nos jovens. Estas últimas mostram até que, no caso da sibilante, a especificação pós-alveolar (obtida em Coda por /S/ e típica dessa posição) é respeitada e mantida, mesmo que o segmento seja silabificado em Ataque.

Os dados conhecidos de PE apenas nos permitem antever mudança no que se refere à nuclearização da lateral. As outras consoantes tendem a ser preservadas em Coda ou em Ataque.

## ARE ALL CODAS WEAK IN EUROPEAN PORTUGUESE?

### ABSTRACT

This article summarizes the description of autossegmental Coda in Portuguese and presents data on linguistic variation of coda consonants in European Portuguese (EP) which allow discuss the idea that all codas are equally fragile. The coda PE are only the following pattern: /l/, /r/ e /S/, since there are embodiments in this dialect that warrant consideration of a nasal coda. Give you a description of data already analyzed and collected others however. Finally, we say that seems to be the impact of linguistic variation found in language change.

**KEY WORD:** syllable, coda, down segments, resyllabification, nuclearization

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amália, A. (1998). Variação fonética de /l/ em ataque silábico em português europeu. IN *ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA*. APL. P. 55–76. LISBOA.

Andrade, A. (1999). On /l/ velarization in European Portuguese. In *International Congress of Phonetic Sciences (ICPhS)*, p. 543–546. San Francisco.

Andrade, A. e Rodrigues, C. (2003)2004. Um exemplo de sandhi consonântico variável em Português: uma abordagem mista. In *Actas do 19º Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* - Lisboa, APL, p. 257-268.

- Andrade, A. e Rodrigues, C. (2004)2005. Fusão de sibilantes: um processo de mudança/standardização? In *Actas do 20º Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* - Lisboa, APL, p. 363-371.
- Andrade, E. d'. (1997). Sobre a Alternância Vogal/Glide em Português. In *Actas do 13º Encontro da APL-Lisboa*, Lisboa, APL, p. 91-102.
- Andrade, E. d'. (1998). O Papel da Sonoridade na Sílabas em Português. In *Actas do 14º Encontro da APL-Lisboa*, I, Lisboa, APL, p. 99-116.
- Andrade, E. d' e Rodrigues, C.. (1998). Das Escolas e da Culturas: História de uma Sequência Consonântica. In *Actas do 14º Encontro Nacional da APL-Aveiro*, I, Braga, APL, p. 117-133.
- Freitas, M. J.. (1997). *Aquisição da Estrutura da Silábica do Português Europeu*, Tese de Doutoramento, UL, 1997.
- Freitas, M. J. e Santos, A. L. (2001). *Contar (histórias de) sílabas*, Colibri e Associação de Professores de Português, Lisboa.
- Girelli, C. (1988). *Brazilian Portuguese Syllable Structure*, Doct. Diss., Univ. of Connecticut.
- Goldsmith, J. A. (ed.) (1995). *The Handbook of Phonological Theory*, Oxford, Blackwell.
- Goldsmith, John e Laks, Bernard: *Generative phonology: its origins, its principles, and its successors*. Linda R. Waugh, John E. Joseph & Monique Monville-BURSTON. (no prelo) *The Cambridge History of Linguistics*. Cambridge: CUP (<http://hum.uchicago.edu/~jagoldsm/Papers/GenerativePhonology.pdf>)
- González, M. G. (2008). *Português Europeu e Galego: Estudo Comparativo Fonético e Fonológico das Consoantes em Rima Medial*, Tese de Mestrado, FL-UL, Lisboa.
- Mateus, M. H. M. (1993). Onset of Portuguese Syllables and Rising Diphtongs. *Workshop on Phonology*, Coimbra, APL, p. 93-104.
- Mateus, M. H. M. (1994). A Silabificação de Base em Português. In *Actas do 10º Encontro da APL-Évora*, APL, p. 289- 300.
- Mateus, M. H. M. e Andrade, E. d'. (2000). *The Phonology of Portuguese*, OUP, Oxford, New York.
- Mateus, M. H. M.; Rodrigues, C. (2003). A Vibrante em Coda em Português Europeu. In Hora, d. e Collischonn (org.)2003. *Teoria Linguística Fonologia e Outros Temas*, Ed. Universitária, João Pessoa, p.181-199.
- Mateus, M. H. M.; Rodrigues, C. (2003)2004. A vibrante em Coda no Português Europeu. In *Actas do 19º Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* - Lisboa, APL, p. 289-299.
- Rodrigues, C. (2003). *Lisboa e Braga: Fonologia e Variação*, FCT-FCG, Lisboa.
- Vigário, M.. Falé, I. (1993)1994. A Sílabas do Português Fundamental: uma descrição e algumas considerações de ordem teórica, In *Actas do 9º Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, APL, p. 465-477.